

## **Orientação Clínica da Psicanálise Lacaniana em Atendimento Público<sup>1</sup>**

Bartyra Ribeiro de Castro<sup>2</sup>

Eu vou falar aqui, hoje, de uma mudança de paradigma quanto à prática da psicanálise. Vou falar da demanda atual de que a psicanálise se democratize, tornando-se mais acessível àqueles que, social ou economicamente, se encontram distantes dos consultórios particulares.

Falo de um lugar para a psicanálise na Saúde Pública e nas políticas públicas de atendimento clínico. Falo de uma clínica psicanalítica fora dos consultórios tradicionais, de uma Psicanálise que se reinventa para se adaptar ao contexto social no qual vivemos hoje; de uma Psicanálise inquieta e pulsante que oferece à esfera pública seu saber, sua escuta e algumas ferramentas de respostas à realidade na qual nos encontramos. Falo da possibilidade de tratamento analítico gratuito, inserido em Organizações Não-Governamentais.

Aqui estamos nós, analistas do século XXI, nos renovando e nos reinventando! [Jacques-Alain Miller – *Vers PIPOL 2009*]

### **Da invenção**

A psicanálise consiste em um saber inusitado, inaugurado por Sigmund Freud nos tempos vitorianos, cujo valor fundamental é o de considerar o fracasso, a falha e o sofrimento como fatores irreduzíveis da experiência humana. Ninguém procura um psicanalista se não estiver sofrendo. Ninguém vai a um psicanalista somente para se conhecer melhor, mas porque sofre. E o ser humano sofre, sim.

Freud isolou o que ele chamou de “mal estar na civilização”<sup>3</sup> como o impossível radical contra o qual não há qualquer saída universal a ser proposta. Segundo Freud, a força das pulsões humanas não permite que o processo civilizatório se instale sem um custo.

A angústia atravessa o humano em função das escolhas em sua vida, de suas decisões e de seu destino, dentro de seu tempo e de sua cultura.

Não há sujeito fora da cultura – já nos alertou Jacques Lacan certa feita. O momento histórico é sempre um referencial fundamental para pensarmos a sociedade e os sintomas com os quais as pessoas respondem ao mal estar apontado por Freud.

---

<sup>1</sup> Baseado em palestra proferida no II Encontro Sul-Capixaba de Psicologia – UNES – Cachoeiro de Itapemirim – ES, em 05 de junho de 2009, para a I Jornada de Formação do Programa “Cuca Legal” – Núcleo de Referência em Saúde – Vitória, 22 de janeiro de 2010.

<sup>2</sup> Psicanalista, Membro da Escola Brasileira de Psicanálise/Associação Mundial de Psicanálise, e Diretora-Presidente do Núcleo de Referência em Saúde ([www.referencia.org.br](http://www.referencia.org.br))

<sup>3</sup> Freud, S – O Mal-estar na Civilização (1930 [1929]). Ed. Standart Brasileira, IMAGO, vol.XXI, pg 81.

## **Da reinvenção**

A atualidade do saber freudiano nos permite ler o século XXI enquanto aquele no qual deveremos buscar, entre o empuxe à felicidade e ao terror, um mal estar menor. Jamais será possível regular as relações humanas de forma que sejam simplesmente pacíficas ou sem custo subjetivo. Não há ideologias, religiões ou reações químicas que estabeleçam a ordem entre os humanos sem que se apresentem de forma autoritária e disciplinadora.

A psicanálise é uma prática da interpretação e uma forma eficaz de terapia do sentido, que inclui o não-sentido, que presume o mal entendido e que considera o impossível. É um saber sobre o psiquismo que se fundamenta na existência do inconsciente e que dispensa as formulações a respeito do funcionamento do pensamento enquanto resultado de um aprendizado, de uma moldagem.

Embora se modernizando e se democratizando, a psicanálise atua sobre os novos sintomas contemporâneos com as ferramentas da invenção freudiana – a transferência e a interpretação. Em qualquer lugar em que se estabeleça o discurso analítico, haverá um psicanalista a escutar o que se esconde por detrás do que se diz, do blábláblá que oculta uma verdade para aquele que sofre. Mais que isso, haverá um psicanalista a procurar transformar um discurso vazio em questões através das quais se possa estabelecer um corte temporal (um antes e um depois) para quem fala e, com isso, possibilitar uma mudança na forma deste se posicionar frente ao mundo.

É esta prática que se reinventa, que nos permite considerar que a psicanálise tenha lugar nos serviços públicos. A psicanálise deixa de ser um tratamento longo e caro para atender a uma nova demanda que lhe é feita, uma vez que a sociedade atual vem se sustentando sobre um tênue e bastante roto tecido. Neste cenário, as famílias, que sempre constituíram a base social, ganharam novas configurações, os laços amorosos se tornaram fluidos e algumas garantias, que anteriormente balizavam o convívio, se perderam ou foram derrocadas.

## **Do corpo-máquina e da “medicalização da existência”**

Vivemos numa civilização que mente sobre si, numa vã tentativa de negar a fragilidade humana e os efeitos da queda dos ideais simbólicos.

Em resposta a este mal estar, proliferam-se os dispositivos que visam proteger os indivíduos prometendo um prazer imediato e um aplacamento da angústia, ao mesmo tempo em que os isola do mundo real.

Os sujeitos contemporâneos buscam fazer o que querem de suas vidas sem qualquer limite para a procura imperiosa da felicidade ou de um milagre químico que restaure o sentido de sua existência.

O corpo humano tem sido tomado como uma máquina que, enquanto tal, pode e deve funcionar melhor ou pior, executar tarefas e se comportar

conforme um programa previamente estabelecido. O humano tem se tornado, assim, uma criatura programável, performático e dependente de medicamentos para se suportar na sociedade.

Temos assistido a uma verdadeira “medicalização da existência”<sup>4</sup>, como forma de garantir uma ordem social que tem o prazer por princípio. A sociedade atual convive com o extremo da liberdade, e com o engessamento do desejo.

Dias destes, uma grande rede de TV veiculou um programa sobre as maravilhas das descobertas do genoma humano e suas respostas fantásticas, embora não absolutas. Em contrapartida, a questão sobre a particularidade de cada um, encontrava resposta no estilo de vida, nos vícios, no meio ambiente ou na qualidade de vida. Em momento algum foi ventilada a responsabilidade do próprio sujeito por suas escolhas, menos ainda, a implicação dos pais na educação de seus filhos.

### **Da farmacofilia**

Para além das descobertas da Biologia e de sua união com a Física Molecular, algo não é mais o mesmo no campo da ciência. O deciframento do DNA, as clonagens, a soberania das tecnociências e o avanços questionáveis das neurociências fazem com que não passemos uma semana sequer sem sermos surpreendidos pelo anúncio da mais nova panacéia pseudocientífica – mais um medicamento que assegura a felicidade suprema ou o isolamento de mais um gem que responderá ‘definitivamente’ sobre o que falta ao Homem para ‘tomar total consciência de si’. Tudo isso vale somente até a ‘próxima novíssima’ descoberta.

O mau uso do aporte científico, o encantamento causado pela clínica medicamentosa e o vasto leque de indicações terapêuticas, acabou por segregar o humano em guetos sintomáticos. Tem sido bastante comum a formação de grupos que reúnem sujeitos identificados e sintetizados pelas suas doenças para, juntos, se fortalecerem enquanto tais. São obesos, anoréxicos, aditos, “panicados” (síndrome do pânico), “tocados” (TOC), hiperagitados, e por aí vão. São sujeitos indissociados dos desdobramentos sintomáticos do enquadramento social das emoções e dos afetos; dos efeitos do abandono das referências paternas, e da precariedade simbólica na qual se encontram (e se perdem). Neste contexto, o uso abusivo de drogas também entra enquanto uma forma de lidar com esta situação de desespero e desorientação.

O discurso médico vigente coloca claramente que, se alguém está deprimido, é porque os níveis de serotonina não estão suficientemente altos – deve-se, então, fazer uso de tal ou tal medicamento. Caso não se sinta melhor, deve-se voltar no próximo mês para que se possa alterar a dose ou trocar de droga.

Reconheçamos que os medicamentos estão em todo lugar. A sociedade atual vem sucumbindo aos interesses escusos da indústria farmacêutica. O

---

<sup>4</sup> Eric Laurent em “Psicanálise e felicidade em tempos de crise” - Entrevista com Fabíola Ramon

humano tem se drogado por qualquer razão e frente às situações mais comuns da vida e do viver.

Há uma enorme oferta de medicamentos para qualquer coisa: para dormir, para se manter acordado, para parar de fumar, para fazer sexo, para acalmar, para agitar..., enfim para inúmeras coisas que anteriormente eram tidas como da ordem do particular e da decisão pontual de cada um.

Aumentaram a oferta de drogas à população sob o manto da cientificidade e da legitimidade. Tem sido mais fácil medicalizar sujeitos saudáveis, que questionar a sociedade quanto ao avanço da violência familiar, o abuso do consumo das drogas lícitas e ilícitas, além da epidemia de depressão que a assola.

No campo da Saúde Mental, a medicação psicotrópica que surgiu em meados do século XX para facilitar o tratamento dos sujeitos psicóticos, hoje tem prescrição massiva.

Não temos qualquer dúvida de que os psicofármacos são necessários e extremamente úteis enquanto suportes ao tratamento psíquico em situações limites ou em estabilizações de crises, em circunstâncias específicas. É muito comum, na prática analítica, diante de determinadas situações, encaminharmos um paciente a um psiquiatra para que este possa ser medicado de forma precisa e responsável por alguém com competência para tal.

### **Da psicanálise de utilidade pública**

Algumas das questões principais que tocam diversos pontos da relação do sujeito com a ordem social contemporânea são os excessos, os abusos e as adições. O hedonismo imperioso promove o empuxe à drogadição. Hoje em dia se é adito a um monte de coisas inclusive ao amor, ao sexo, ao trabalho e ao êxtase até a morte.

Vivemos numa sociedade que perdeu o tempo de saber quando parar.

Frente ao avanço da farmacofilia, a psicanálise vem se mantendo firme enquanto uma alternativa às contradições do saber científico.

A psicanálise pressupõe este saber e o acompanha, embora tenha como função não permitir que o sujeito ceda de sua singularidade ou de sua busca em sustentá-la. Em especial, os jovens têm nos pedido que não lhes abandonemos frente ao insuportável.

Para a psicanálise não é possível que um sujeito se amolde completamente às exigências da cultura vigente em qualquer época. O sujeito da psicanálise é um sujeito em crise constante e um possível revolucionário. Quando nos dirigimos a um psicanalista, nos colocamos abertos ao estranho familiar de nós mesmos, que pode surgir do emaranhado de nossas palavras. Quando vamos a um analista, não podemos imaginar que sairemos de lá sendo os mesmos que entramos (pra isso não se precisa de psicanálise). A psicanálise é uma prática não adaptativa, que tenta buscar

soluções que possibilitem a vida e não a repetição do mesmo, embora algo do 'infinito particular'<sup>5</sup> persevere.

Não há um psicanalista que possa saber, de antemão, o que será melhor para este ou aquele sujeito. O segredo está na direção do tratamento. Lacan nos ensinou que um psicanalista não dirige a vida do analisante, mas sim, o tratamento<sup>6</sup>. Dirigir o tratamento é acompanhar o sujeito em sua análise, buscando o que lhe será necessário encontrar como uma nova aposta de vida. A decisão final sobre seu destino ficará sempre a cargo e na responsabilidade de cada um que, de forma única e singular, sustentará seu desejo como uma verdade frente às exigências sociais de que deste ceda.

É por isso que permanecemos sempre tão freudianos. Freud partiu de sua prática e jamais se afastou desta para subverter a ordem. A psicanálise é, sim, uma prática subversiva!

No entanto, vale ressaltar, que a psicanálise não é uma prática do 'vale tudo', do 'meu pirão primeiro', do 'você merece ser feliz'... Para a psicanálise, o valor das regras sociais está fundamentalmente em proporcionar com que o sujeito crie sempre novas formas de estar na cultura, de contornar sua angústia e de avançar com o que deseja para si.

Os psicanalistas que exercem suas funções tanto nos consultórios particulares quanto nos serviços públicos sabem que as pessoas estão profundamente decepcionadas com o fracasso das promessas de felicidade fácil, e oferecem sua escuta e suas palavras como ferramentas clínicas que acolhem sem piedade ou resignação, e tratam aqueles que os procuram de forma a buscarem se responsabilizar por seus destinos, sucessos e fracassos.

Assim sendo, o psicanalista lacaniano não recua frente aos impasses da sociedade. Quando atuante na rede pública, busca a parceria de outros saberes e instituições como forma de potencializar os efeitos de seu ato<sup>7</sup> e proporcionar a reinvenção da dimensão do vivo, da sexualidade, do corpo, e dos laços sociais e amorosos.

O psicanalista na atualidade, precisa estar atento às novidades que surgem a cada dia e deve se propor a ajudar quanto às instabilidades decorrentes deste arranjo social frágil.

Parafraseando Jacques-Alain Miller (em Vers PIPOL IV): "estamos persuadidos de que a sociedade atual precisa de nós".  
E estamos à disposição!

---

<sup>5</sup> Menção à música de mesmo título, de Marisa Monte

<sup>6</sup> Jacques Lacan - A Direção do Tratamento - Escritos, Zahar Editora.

<sup>7</sup> "SAMPARIOCA" (Encontro clínico de psicanalistas do Rio e de São Paulo, em torno ao ensino de Jacques Lacan)

## Referências Bibliográficas

Jacques-Alain Miller – Vers PIPOL 4

Eric Laurent - "A psicanálise deve fazer parte da saúde pública"  
----- - PSICANÁLISE E FELICIDADE EM TEMPOS DE CRISE  
----- - "iEs difícil no estar deprimido!"  
----- - Lacan – O Analista do Futuro  
----- - "Nossa tarefa é revelar a mentira da civilização"  
----- - Palabras de apertura de las IV Jornadas de la NEL  
Videoconferencia entre París y Guayaquil  
----- - Psicoanálisis y Salud Mental – Tres Haches – Argentina  
----- - Ciudades Analíticas – Tres Haches – Argentina

Jésus Santiago – Uma pragmática do tratamento possível nas psicoses:  
responder pela estrutura do estranho do objeto voz

Andrea Cucagna - Algunos comentarios sobre pragmática

Serge Cottet comentado por Francesca Biagi-Chai - "Freud et le malaise  
dans la civilisation actuelle"

"SAMPARIOCA" (Encontro clínico de psicanalistas do Rio e de São Paulo, em  
torno ao ensino de Jacques Lacan)

Daniel Millas – UNA PRÁCTICA SINTOMÁTICA

Germán García - Amor e odio por Lacan

Vitória, 22 de janeiro de 2010.